



1º Encontro de
Investigadores em
Arte e Intermedia

7 Junho 2013

FBAUP

Apresentação

Perto do término de mais um período letivo (2012/2013), um grupo de investigadores da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto procura partilhar e debater o desenvolvimento das suas investigações e projetos. É nesse sentido que surge o 1º Encontro de Investigadores em Arte e Intermedia.

O Encontro tem como principal objetivo incentivar o intercâmbio entre os investigadores da Faculdade de Belas Artes. Ao mesmo tempo, também quer oferecer a oportunidade para que outros investigadores e artistas vinculados a diferentes contextos académicos possam partilhar as suas experiências e conhecimentos no campo das artes. Este Encontro apresenta-se como um espaço democrático, onde todos os investigadores o integram de modo paritário. Esperamos que seja um incentivo ao desenvolvimento dos projetos e das investigações tanto artísticas como académicas e que desse modo venha a estimular o surgimento de novas parcerias e de novos encontros.

Esta primeira edição conta com a participação de vários doutorandos e mestrandos, assim como de investigadores autónomos. Nas sessões que decorrem ao longo do dia 7 de Junho, os participantes foram distribuídos em grupos de discussão, criados com o objetivo de permitir um maior diálogo entre interesses temáticos próximos e que possibilitem o confronto e a discussão em torno da diversidade das metodologias e dos diferentes processos de investigação.

Agradecemos o apoio do Núcleo de Arte e Intermedia (NAi) do Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade (i2ADS) da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, assim como a todos os que se envolveram na realização deste Encontro.

Comissão de Organização

Comissão de Organização

André Alves, Cláudia Lopes, Dalila Gonçalves, Daniel Silvestre da Silva, Isabel Ribeiro, Maria Mire, Ronaldo Macedo Brandão, Samuel Silva, Sandra Coelho, Sandra Costa Brás, Sofia Ponte

Coordenação Geral: Ronaldo Macedo Brandão

Coordenação: Maria Mire, Sofia Ponte

Identidade Gráfica e Materiais de Comunicação: Sandra Coelho (Mónia)

Apoio

NAi Núcleo de Arte e Intermedia

i2ADS Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade

FBAUP Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

Agradecimentos

Catarina Almeida, Cristina Mateus, Lúcia Almeida Matos, Miguel Leal e Rute Rosas

Abertura 9:00h

Mesa de Debate

A Experiência de Investigação em Arte

Cristina Mateus 9:10h Pavilhão Carlos Ramos
Catarina Almeida Sala 301
Rute Rosas

9:50h intervalo

Grupo de Discussão

Processos Imateriais

Participantes	Horários	Sala	Moderadores
---------------	----------	------	-------------

Patrícia do Vale	10:00h	Pavilhão Carlos Ramos	André Alves
Marina Vale Guedes	10:15h	Sala 301	
Miguel Luiz Ambrizzi	10:30h		

10:45h debate

11:15h intervalo

Sofia Ponte	11:45h		Dalila Gonçalves
Teresa Luzio	12:00h		
Diniz Cayolla e Fátima Santos	12:15h		

12:30h debate

13:00h almoço

Daniel Silvestre da Silva	14:30h	Pavilhão Carlos Ramos	Sofia Ponte
André Alves	14:45h	Sala 301	
Dalila Gonçalves	15:00h		

15:15h debate

15:45h intervalo

Amanda Midori	16:15h		Daniel Silvestre da Silva
Inês Redondo	16:30h		
Isabel Ribeiro	16:45h		

17:00h debate

17:30h encerramento

Grupo de Discussão
Interpretação da Experiência

Participantes	Horários	Sala	Moderadores
Raquel Moreira	10:00h	Pavilhão Carlos Ramos Sala 302	Ronaldo Macedo Brandão
Aida Castro	10:15h		
Maria Mire	10:30h		
	10:45h debate		
	11:15h intervalo		
Sandra Costa Brás	11:45h		Samuel Silva
Cláudia Lopes	12:00h		
Fabiana Wielewicki	12:15h		
	12:30h debate		
	13:00h almoço		
Sandra Coelho	14:30h	Pavilhão Carlos Ramos Sala 302	Cláudia Lopes
Samuel Silva	14:45h		
Ronaldo Macedo Brandão	15:00h		
	15:15h debate		
	15:45h intervalo		
Ana Pais Oliveira	16:15h		Maria Mire
Filipe Lopes	16:30h		
Ana Sofia Dias	16:45h		
	17:00h debate		
	17:30h encerramento		

Grupo de Discussão
Processos Imateriais

Autores	Título do Resumo	Modelo de Investigação	Página
Patrícia do Vale	Pode o corpo habitar o museu?	MTP	9
Marina Vale Guedes	Desenho forense: genealogias e processos do desenho na investigação criminal	DT	11
Miguel Luiz Ambrizzi	Memória incorporada em processos artísticos: reflexões sobre desenhos protocolares e o desenho como performativo Infeliz	DTP	12
Sofia Ponte	Trajetórias da obra-protótipo. Musealização de arte funcional	DT	14
Teresa Luzio	Performance autobiográfica. Análise e experimentação em processos de documentação	DTP	16
Diniz Cayolla Ribeiro e Fátima Santos	'O Lado B' duma investigação interdisciplinar	ITP	18
Daniel Silvestre da Silva	Desenho e alteridade	DTP	19
André Alves	A natureza dupla do impasse	ITP	20
Dalila Gonçalves	Processos circulares como representação do tempo: o tempo enquanto medium (ferramenta) e metáfora na prática artística contemporânea	DTP	21
Amanda Midori	Circungestar: útero coletivo	MTP	23
Inês Redondo	Design editorial: layout do manual escolar em Portugal: transformações gráficas nos manuais de Português e Inglês entre 1980 e 2014	DTP	24
Isabel Ribeiro	No fracasso	DT	26

Grupo de Discussão
Interpretação da Experiência

Autores	Título do Resumo	Modelo de Investigação	Página
Raquel Azevedo Moreira	A arte de curar: do empirismo como método nas práticas artísticas e terapêuticas	MTP	27
Aida Castro	Mapeamento do espaço entre arte e ciência na cultura contemporânea: ligação e Intervalo	DT	28
Maria Mire	Fantasmagorias: a imagem em movimento no campo das artes plásticas	DT	30
Sandra Costa Brás	Coisas não chamadas desenhos mas... explorando intersecções entre processos fotográficos e actos de desenho	DTP	32
Cláudia Lopes	Experimentum memoria	DTP	34
Fabiana F. Wielewicki	Ficções do lugar-imagem na arte contemporânea: uma geografia desfocada	DTP	36
Sandra Coelho	Como seria se o curso da história dos media digitais fosse mais centrado nos dedos e menos nos números?	DTP	38
Samuel Silva	Práticas participativas: inteligibilidade, limites e possibilidades na criação artística contemporânea	DTP	40
Ronaldo Macedo Brandão	Fronteiras – poéticas visuais sobre espaços limites	DTP	41
Ana Pais Oliveira	A cor e o processo criativo nas práticas contemporâneas: interligação e contaminação das linguagens pictórica e arquitectónica através das relações cromáticas	DTP	43
Filipe Lopes	Som, espaço e identidade	DTP	45
Ana Sofia Dias	Reencontros na rua	MTP	47

Glossário de Abreviaturas

FBAUP	Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
i2ADS	Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
NAi	Núcleo de Arte e Intermedia do i2ADS
NAD	Núcleo de Arte e Design do i2ADS
FEUP	Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto
CECL	Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens
FCSH	Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
UNL	Universidade Nova de Lisboa
ESAD.CR	Escola Superior de Arte e Design de Caldas da Rainha
FCT	Fundação para a Ciência e a Tecnologia do Ministério da Educação e Ciência
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
UT Austin	University of Texas at Austin

A opção pela antiga ou a nova norma ortográfica nos resumos é da responsabilidade de cada participante.

Pode o Corpo Habitar o Museu?

Patrícia do Vale

patricia.do.vale@gmail.com

Mestrado em Estudos Artísticos – Estudos Museológicos e Curatoriais – FBAUP

Orientadora: Maria Eugénia Vilela

Actualmente acentua-se um movimento de institucionalização da performance, que se reveste de inúmeras formas. Os museus procuram incluir a performance no seu círculo de actuação, mas esta convivência está longe de ser pacífica. Pretendo reflectir sobre os problemas levantados pela institucionalização da performance, explorando a forma como o museu vê a performance, em contraponto à forma como o performer vê o museu. Interessa-me pensar a questão da memória da performance, e a forma como os performers abordam esta questão na sua prática.

Os processos envolvidos na apropriação institucional são de natureza diversa e levantam diferentes questões: reenactment, reactivação, remomeração, reapropriação, performance mediada, documentação, vestígios, testemunho do artista, testemunho dos participantes.

A acção de produzir a obra, nas formas artísticas que tradicionalmente se inscrevem em contexto institucional, mesmo quando questionam o contexto, de certa forma ajustam-se a ele sem colocar em causa o seu funcionamento. A acção de ser a obra, proposta na performance, contraria o próprio modo de funcionamento dos museus. A obra, dependendo da presença do artista, não tem existência autónoma. Esta relação de dependência do corpo do artista, ou de quem executa a performance sob a sua orientação na performance mediada, coloca desafios ao museu tanto na sua apresentação, quanto na sua colecção. Um corpo vivo e actuante não tem lugar no museu que pretende ser um White Cube. Um corpo que respira e transpira neste espaço asséptico é visto como

uma fonte de poluição. Um corpo que se move é visto como um risco. Um corpo não se pode conservar. Uma acção não se pode armazenar num acervo. Então que performance, ou sob que forma, exibem e colecionam os museus? Como se cria a memória da performance? Em que corpos sobrevive?

Desenho Forense: Genealogias e Processos do Desenho na Investigação Criminal

Marina Vale Guedes

marinavaleguedes@gmail.com

Doutoramento em Arte e Design – FBAUP

Orientador: Mário Bismarck

“Desenho Forense: Genealogias e processos do Desenho na investigação criminal” é um trabalho de investigação que abordará a problemática da representação no meio das Ciências Forenses, através da prática e mecanismos do Desenho. Este estudo dedicado ao “desenho detective” — aquele que procura desvendar os contornos do crime — terá como objectivo principal a análise das potencialidades gráficas disponibilizadas por esta ferramenta, bem como o reconhecimento histórico de um passado de desenhos forenses esquecidos e arquivados no Laboratório de Policia Científica em Lisboa. Será com base nesta documentação que se pretende criar uma genealogia do desenho forense, destacando os procedimentos e tecnologias utilizadas em Portugal na realização destes desenhos que se incluem na área da Criminalística (ciência orientada para o estudo do crime).

Neste sentido pretende-se abordar um tema submerso destacando a possibilidade de abertura a novos caminhos que poderão promover uma ligação valiosa entre a Faculdade de Belas Artes e a Faculdade de Direito da Universidade do Porto com o intuito de fomentar a aprendizagem do desenho no contexto da Ciências Forenses. Partindo da consciência de que o desenho inserido na área da Criminalística representa um campo permeável à investigação, e tendo este sido apenas superficialmente explorado até à data, surge o estímulo e a vontade de analisar a história e os contornos da imagem que surge a partir do crime — a imagem que o estuda, explica, e revela.

A Memória Incorporada em Processos Artísticos: Reflexões sobre Desenhos Protocolares e o Desenho como Performativo Infeliz

Miguel Luiz Ambrizzi

Bolseiro da FCT

miguelirou@gmail.com

Doutoramento em Arte e Design – FBAUP

Orientador: Paulo Luís Ferreira de Almeida

Esta investigação doutoral pretende contribuir para o estudo da memória autobiográfica e processual como recurso do processo artístico. Fundamenta-se num ensaio prático, enquadrado por uma narrativa pessoal onde se reconstrói, enquanto memória incorporada, a relação performativa com o jogo na infância, atualizada em processos artísticos híbridos. O papel desta memória é investigado, experimentalmente, através da criação de desenhos baseados em comportamentos restaurados (Richard Schechner): processos compostos por fragmentos de outros processos, de diversas proveniências. Buscamos refletir sobre como atualizar memórias episódicas em processos de desenho e quais são as possibilidades criativas e conceituais. Serão apresentados alguns processos de criação em desenvolvimento que permitem discutir sobre as questões: como transformar um evento em um desenho (“tornar os verbos visíveis” – Edward Tufte); o desenho como ato performativo — instruções-de-uso como um jogos mentais entre o exequível e o impossível (a possibilidade de pensar e imaginar aquilo que é anunciado); o desenho como autoficção — o desenho como ação e substituto da ação — há uma parte de mim que consegue experimentar a ação através do desenho; e o desenho com função performativa — experimentado como lugar e inscrição de uma performance virtual. Esses trabalhos serão pensados como desenhos protocolares na sua dupla acepção de uma instrução para ser seguida à letra, ou na de romper o protocolo, como um puro jogo, sem

qualquer sugestão para que sejam realmente executadas (Mike Sperlinger). Os desenhos protocolares são entendidos como atos diretivos (John Searle) cujo propósito é tentar conduzir ao desejo para que alguém faça algo, ou como proto-performances (Schechner) no que se refere ao que antecede ou potencia a ação. Na incapacidade (ou a falta de coragem) dessas memórias se realizarem como performances, mas como desenhos (eu desenho para não agir), temos o que John L. Austin definiu como o performativo infeliz, quando seu objetivo não se cumpre.

Trajetórias da Obra-protótipo. Musealização de Arte Funcional

Sofia Ponte

Bolseira da FCT

ohsofia@gmail.com

Doutoramento em Arte e Design – FBAUP

Centro de Acolhimento: Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Orientadora: Lúcia Almeida Matos

Obras de arte funcional também podem ser incluídas em designações como *functioning aesthetic*, *post-conceptual art*, *designart*, *art útil*, *interventionist art*, *sustainable art*, *operational aesthetic*, entre outras. Todas estas possíveis categorizações revelam a natureza híbrida e complexa desta prática artística. A arte funcional é antes de mais, uma tendência na produção de arte contemporânea, que existe fora dos espaços convencionalmente designados para a arte, e que atravessa disciplinas como o design, a arquitetura, a antropologia, o meio ambiente e a economia, entre outras.

A arte funcional não pressupõe um uso ou utilidade generalizada, pelo contrário, representa uma imensa diversidade de necessidades identificadas e desenvolvidas por vários artistas, para abordar aspectos menos visíveis da sua contemporaneidade e mais especificamente relativos aos grandes centros urbanos onde se encontram. Artistas como Krzysztof Wodiczko, Vito Acconci, Lygia Clark, Walter Pichler desde os anos 80 e mais recentemente, artistas como Benoît Maubrey, Miguel Palma, Amy Franceschini, Nils Norman, Mary Mattingly, entre outros. No meu estudo, proponho-me analisar obras de arte funcional que pressupõe um dispositivo performático, reconhecido e compreendido quando experienciado no contexto específico para o qual foi projetado mas também as formas da sua musealização. Se os valores imateriais, como o aspecto performático e o seu contexto específico são essenciais para a sua compreensão (é durante a manipulação ao vivo destas obras que se manifesta a metáfora visual para o qual

foram concebidas), como podem estes ser preservados e transmitidos fora dos seus contextos?

Porquê musealizar arte funcional? Como classificar, preservar e exhibir obras de arte funcional em museus? Como posso eu enquanto artista, que cria obras de arte que inspiram ação e participação, ajudar os museus a preservar e apresentar obras de arte funcional para o público de hoje e para as gerações futuras.

Performance Autobiográfica: Análise e Experimentação em Processos de Documentação

Teresa Luzio

luzio.teresa@gmail.com

Doutoramento em Arte e Design – FBAUP

Orientador: Isabel Baraona, ESAD.CR

Co-orientador: Paulo Luís Almeida, FBAUP

Esta investigação, onde a análise teórica se articula com uma prática experimental e artística, desenvolve-se no âmbito da performance autobiográfica e processos da sua documentação enquanto género em que a acção e o seu registo frequentemente se sobrepõem, e se cruza com a auto-etnografia. Se a relação entre a prática performativa e a documentação tem sido amplamente analisada, pouca atenção tem sido dedicada à especificidade das estratégias documentais na performance autobiográfica, apesar da emergência e amplitude que este fenómeno tem tido na última década. Diversos autores apresentam interpretações sobre a complexa relação entre o documento e a performance o que motiva a uma análise sobre; que cumplicidades e atritos produtivos se estabelecem entre a acção realizada para ser registada. Propõe-se uma análise a partir de três obras de; Helena Almeida, Sophie Calle e Dennis Oppenheim em que as afinidades artísticas com a componente prática e experimental da investigação, nomeadamente a acção, o registo e a repetição da acção, promovem uma revisão sobre o papel meramente representacional do registo da acção. A repetição destas obras e os meios em que estas são registadas, conduzem a uma compreensão sobre a diferenciação entre reconstituição e versão e o que significa repetir, nos três casos. Ainda, as três obras possuem uma certa intenção latente de intimidade documentada/ficcionada, também presente na prática experimental e artística, o que permite trazer a exame uma certa categoria de documento pouco explorada

na discussão do registo da performance. Esta investigação examina processos de documentação da performance como modo de construir autobiografia, que se caracterizam por acções para registar e em como o registo possibilita voltar a repetir a acção mas para voltar a fazer (viver) diferente.

‘O Lado B’ duma Investigação Interdisciplinar

Diniz Cayolla Ribeiro, Fátima Santos

dinizchess@gmail.com, fatimasantoss@gmail.com

NAD-i2ADS (Diniz Cayolla), Doutoramento em Arte e Design – FBAUP (Fátima Santos)

No dia 7 de Junho, de tarde, iremos apresentar no “III Colóquio Internacional em Estudos Intermedia do ISMAI” uma comunicação cujo *abstract* é o seguinte:

«Em 5 de Março de 1968, John Cage organizou num teatro de Toronto uma performance de música electrónica intitulada “Reunion”, que envolvia diversos músicos, vários instrumentos musicais, um tabuleiro especial de xadrez desenhado por Lowell Cross, e os performers/xadrezistas Teeny e Marcel Duchamp. Este espectáculo, que resultou na construção de atmosferas visuais e sonoras à medida que iam sendo executados os lances de xadrez, serviu de ponto de partida para diversas experiências transdisciplinares ao longo das últimas décadas, bem como para performances de todo o tipo envolvendo instrumentos musicais e partidas de xadrez. A nossa proposta inscreve-se nesta linha estético-experimental, mas propõe a inclusão de uma nova variável: a cor. O nosso objectivo consiste em apresentar uma chave de leitura que correlaciona os lances de xadrez com as notas musicais e as cores, propondo desta forma que cada partida de xadrez se transforme numa atmosfera musical e visual única. A hipótese de trabalho que colocamos é que as milhões de partidas existentes nas bases de dados de xadrez possam ser transformadas em pautas de música, viabilizando deste modo em termos visuais e sonoros a célebre frase de Duchamp proferida em 1952 de que “nem todos os artistas são jogadores de xadrez, mas todos os jogadores de xadrez são artistas”.»

Como proposta para o “1º Encontro de Investigadores em Arte e Intermedia” pretendemos abordar o outro lado desta pesquisa, o “lado B” da investigação, que serviu de base para a comunicação e que resultou na construção de um dossier documental, uma partitura, uma narrativa visual e um objecto pictórico.

Desenho e Alteridade

Daniel Silvestre da Silva

khalinomiconee@gmail.com

Doutoramento em Arte e Design – FBAUP

Orientador: Paulo Luís Almeida

Co-orientador: Bernardo Pinto de Almeida

Esta apresentação pretende enunciar os pontos de partida tomados para o estudo da presença da alteridade no desenho.

Desde a eclosão do modernismo na arte notamos uma maior frequência de manifestações pictóricas que assumidamente se baseiam em práticas de produção de imagens exteriores às das instituições artísticas (desde os desenhos de crianças, passando pelas imagens oriundas de culturas “primitivas”, aos desenhos dos chamados *outsider artists*) e, mais recentemente, observamos ainda a apropriação de características visuais oriundas de diversos períodos do *art establishment* ocidental.

Se, por um lado, este estudo começa por tentar compreender as diversas razões que levam à apropriação das representações produzidas pelo outro, por outro lado pretende-se entender como é que essa apropriação se processa e de que modo é posta em prática para a construção de significado.

Por último, decorrendo da natureza teórico-prática em que se inscreve este estudo, será apresentado o plano de intenções para o projecto prático a realizar neste contexto.

A Natureza Dupla do Impasse

André Alves

theandrealves@gmail.com

Investigador autónomo – membro do NAI-i2ADS

O ponto inaugural da minha pesquisa centra-se no entendimento do impasse e o paralelismo que pode ser estabelecido com a ideia de interlocução, diálogo e presença. O entendimento de impasses (como uma forma de afirmação em movimento) como *still-act* (acto parado; acto que ainda age), incorpora uma relação temporal com a hipótese e escolha, estendendo e acrescentando uma corporalidade imaterial (o tempo em que se vive um impasse) à dialéctica entre decidir e saber — cria uma movimentação significativa. Nesse sentido, a minha pesquisa centra-se no contexto da ética, do *Zeitgeist* e a compreensão formal de uma panorâmica do mundo e o estatuto do vivo.

A natureza deste dialogo está paradoxalmente ligada à intencionalmente de oferecer significações através de uma energia confusa — a confusão, a incerteza, a dúvida são parte integral e central do sujeito de pesquisa. Interpelando o sujeito desta pesquisa estão direcções específicas como a Parataxe e Hipótese (Prieto), a lógica Caminhar – Movimento – Pensamento – Narrativa (Serres; De Certeau) e “o que não se faz” (Cixous).

No sentido de aprofundar a relação com a materialidade (olhando os impasses como conceitos de entrada para entender agenciamento, ética e a relação da percepção com objectos e coisas), a produção plástica usa da justaposição de imagens e texto, recorre à linguagem como forma, explora a condição mutável de conceitos e situações, enfatizando as propriedades do toque, repetição e velocidade.

A relação de observação, reflexão e criação plástica, procura a capacidade de conduzir a imagens e situações que sustentam e desencadeiam uma narrativa de de-instrumental de agenciamentos, emoções e pensamentos.

Processos Circulares Como Representação do Tempo: O Tempo Enquanto Medium (Ferramenta) e Metáfora na Prática Artística Contemporânea

Dalila Gonçalves

dalila_cg@hotmail.com

Doutoramento Arte e Design – FBAUP

Orientador: Fernando José Pereira

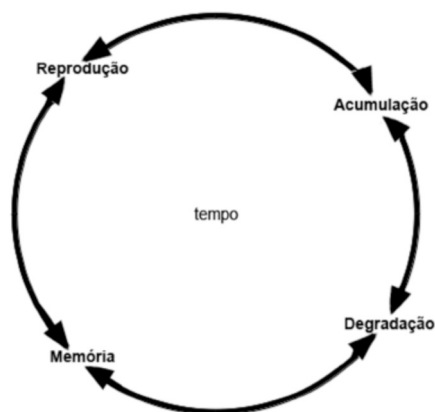
Não tenho por objectivo abordar a questão do Tempo em toda a sua complexidade e abstracção. No “tempo acelerado” da contemporaneidade, interessa-me, sobretudo, pensar, a partir da minha prática, a possibilidade de instrumentalizar o Tempo enquanto possível construtor de objectos artísticos, seja como medium, seja como metáfora.

Será este “tempo acelerado” conciliável com o tempo da produção? Será que o tempo de produção (e numa segunda instância o tempo da contemplação) já não estará também ele afectado por esse “tempo vertiginoso”, que trespassa o quotidiano onde vivem os artistas, os mercados, a crítica, os espectadores, etc.? Não padecerá a arte contemporânea, ela própria, desta característica? Será que ainda existem práticas cuja construção do objecto artístico depende e resulta de uma passagem natural e cronológica do tempo? Não estaremos apenas no campo da simulação, da artificialização, da encenação e manipulação dessa passagem?

Pretendo aprofundar, neste doutoramento, um projecto artístico que tem por base uma espécie de jogo experimental, onde reflicto e testo a permeabilidade entre matérias e processos da prática artística e da vivência quotidiana. É neste exercício de aproximações que apresento a ideia de Processos Circulares como representação de Tempo. No esquema que defino por timecircle, construo uma circunferência com as palavras: acumulação, degradação, reprodução e memória. Interessa-me particularmente, por um lado, a correlação e elasticidade das suas

definições, por outro, a sua leitura em conjunto e a capacidade desta nos remeter para uma hipotética concepção cíclica do tempo. Na minha opinião, uma das principais similitudes entre os mecanismos da natureza e os da prática artística.

Timecircle [1]
Processo de Vivência e Revivência



Acredito que no contexto actual dos Doutoramentos em Arte a premissa de “gerar conhecimento” tem que passar, antes de tudo, pelo próprio questionamento e inovação do Formato de Tese. Ou seja, pela discussão e apresentação de novas propostas de organização e apresentação dos dados. Um Doutoramento teórico-prático aberto a artistas plásticos e cuja “área científica” se alarga à da produção artística, parece-me inquestionável que este deva albergar, como território de “investigação”, a própria criação de objectos artísticos. A “investigação” em arte deve assumir um terreno próprio onde sejam preservados os seus próprios códigos e singularidades.

1. Construo a palavra *Timecircle* a partir da designação de *Timeline*. Neste caso pretende-se um entendimento do tempo enquanto processo circular em contraponto a uma linha sequencial.

Circungestar: Útero Coletivo

Amanda Midori

amandasuzuki2@gmail.com

Mestrado em Arte e Design para o Espaço Público – FBAUP

Orientadora: Rita Bredariolli

Co-orientadora: Carla Cruz

Circungestar é o verbo que escolho como modo de atuar durante meu viver. O Útero Coletivo é o sujeito que conjuga o verbo, corporificando-o em sua prática, utilizando-o em seu próprio contexto. O projeto desenvolve-se a partir da pergunta de investigação “Como propiciar a emergência do ator social ecopedagógico no desenvolvimento de projetos construídos coletivamente, a partir da relação entre processo educativo e processo artístico?”, cuja existência se faz através dos diálogos estabelecidos entre a ecopedagogia, a teoria da autopoiese, e a prática artística da arte baseada na comunidade.

Design Editorial: Layout do Manual Escolar em Portugal: Transformações Gráficas nos Manuais de Português e Inglês entre 1980 e 2014

Inês Redondo

inespipe@gmail.com

Doutoramento em Arte e Design – FBAUP

Orientador: Eduardo Paz Barroso

Co-orientador: Mário Moura

Nas últimas décadas, o sector editorial tem vindo a sofrer alterações nos seus processos de edição e produção. Em Portugal, as alternâncias políticas e a revolução tecnológica têm abalado o ramo da Cultura e da Educação, em causa, estão questões como a informatização dos processos de produção do manual escolar e a sua massificação, o desempenho docente e as formas de aprendizagem dos alunos.

Este projeto de investigação pretende compreender as mutações de alguns princípios gráficos de design editorial aplicados aos layouts dos manuais escolares, durante as últimas três décadas, em três editoras portuguesas.

Metodologicamente está a ser conduzido através da análise gráfica e sistematizada das fases emergentes das transformações dos layouts dos manuais de Português e Inglês e a sua migração do suporte impresso para o digital, numa tentativa de otimização do ensino-aprendizagem.

A rapidez com que a mutação dos suportes de leitura se tem processado devido à implementação de novas tecnologias tem alterado os hábitos de ler e aprender por isso, é importante repensar e redefinir novas ferramentas para o desempenho docente e para o papel interventivo do designer no ciclo de produção do objeto livro.

Este estudo conduzirá ao esboço de um protótipo do que se pensa poder vir a ser o futuro do manual escolar. Exemplificado através da construção de layouts

que tornaram exequível um produto interativo em plataforma digital, onde possam estar alojados diferentes manuais escolares e outro tipo de materiais pedagógicos que poderão ser partilhados em tempo real, pela comunidade estudantil, associada por turma, ano escolar e disciplina. Os professores e os alunos poderão trabalhar com auxílio de diversas ferramentas de apoio e trocar informações, dúvidas, avaliações e correções de trabalhos e exercícios. Um produto fácil de transportar num tablet, smartphome, ou apenas consultado através de um qualquer computador ou aparelho ligado à internet.

No Fracasso

Isabel Ribeiro

isabeiro@gmail.com

Doutoramento Modos de Conhecimento na Prática Artística Contemporânea, Departamento de Escultura da Faculdade de Belas Artes de Pontevedra, Universidade de Vigo

Orientador: Juan Loeck

Co-Orientador: Fernando Ribeiro

Pretende-se pensar e problematizar a ideia de fracasso.

Aliado comumente a uma negatividade, propõe-se confrontar esta ideia com a actividade criativa e perceber as implicações deste paradoxo na arte contemporânea, em particular no contexto português.

Estando esta palavra definida no dicionário como o “estrondo de coisa que se parte ou cai”, importa pensá-la no âmbito de uma constelação de outros termos como ruído, quebra, falha ou fractura.

Encontramos na história de arte, assim como na história geral, inúmeros os casos em um avanço só se torna possível após alguns retrocessos e falhas.

O fracasso pontua a acção e a arte evidencia essas falhas.

Ainda, e mais especificamente nos processos internos ao indivíduo criador, os resultados em arte estão cada vez mais afastados da concretização objetual e assentes na experiência, que conta, por inerência, com falhas e fracassos.

Este paradoxo está presente em algumas áreas da criação, mas no caso particular das artes plásticas, está por definir todo o seu alcance. Poderemos traçar uma linha de desencantamento? E o que há, quanto a isto, de particular no contexto português?

Pretende-se, assim, esboçar uma genealogia do fracasso e aferir das suas implicações no pensamento presente, bem como das possibilidades que se abrem à arte contemporânea num futuro próximo.

A Arte de Curar: Do Empirismo como Método nas Práticas Artísticas e Terapêuticas

Raquel Azevedo Moreira

raquelazmoreira@gmail.com

Mestrado em Estudos Artísticos – Estudos Museológicos e Curadoriais – FBAUP

Orientador: Miguel Leal

Este estudo procura explorar possíveis pontos de contacto entre a intenção curativa e a criação artística:

- O corpo como objecto das ciências médicas e dos estudos artísticos, a sua representação e musealização;
- O uso da experimentação como recurso fundamental na arte e na cura;
- As relações e cruzamentos entre os diferentes ofícios – no contexto artístico, tal como na actividade dos policlínicos.

Os conteúdos dos primeiros manuais de ciências médicas (que começam a ser publicados em português a partir do século XVII), a par de uma recolha de imagens ilustrativas dessas práticas (que podemos encontrar ao longo da história da arte), e do uso do conceito de arquivo (enquanto recurso e método), constituem possíveis pontos de partida para a criação de novos trabalhos.

Partindo destas referências iniciais, as propostas a desenvolver por Hernâni Reis Baptista, Mónica Lacerda e Raquel Moreira reúnem-se numa exposição colectiva, concebida para o Museu da FBAUP no âmbito deste projecto.

Mapeamento do Espaço entre Arte e Ciência na Cultura Contemporânea: Ligação e Intervalo

Aida Castro

Bolseira da FCT

aida.estela.castro@gmail.com

Doutoramento em Ciências da Comunicação, especialidade Comunicação e Artes

Centros de Acolhimento: CECL–FCSH, UNL e i2ADS–NAi, FBAUP

Orientadora: Maria Teresa Cruz

A prática artística ao relacionar-se com a tecnociência e a ciência contemporânea, nomeadamente na partilha do laboratório experimental, depara-se com uma certa artisticidade implícita nas operações técnicas: a constituição de um espaço simbiótico entre os domínios leva a crer que se concretizará o seu fim na possibilidade da tecnociência se tornar a verdadeira arte — o *devir-arte da ciência* impregnado nas ligações. Num primeiro momento da investigação o conceito ligação será central. A actualidade da ligação entre os domínios da arte e da ciência será revista através de uma escavação: procuraremos justapor os autores e as suas teorias que nos permitam enunciar esse gesto. A partir do estudo mais aprofundado da obra de Hermínio Martins, a investigação adquirirá os instrumentos críticos para enquadrar as problemáticas e recontextualizar o debate.

Num segundo momento o conceito intervalo será central quando associado ao imperativo de abrir espaço. O espaço (poético) sobre o qual se debruçará este trabalho e que se situa, numa primeira fase abstracta entre os dois domínios, e numa segunda fase mais concreta, se circunscreve através da reflexão da experiência da arte. A (in)definição deste espaço terá em conta noções como: vazio, sombra, negativo, intermitência, montagem. Consideramos um espaço-potência onde se poderão instalar as acções e as leituras sobre a experiência da arte e os modos culturais que operam nos interstícios das coisas, dos objectos, da história e dos saberes. Onde a possibilidade de pensar as relações, ou as ligações, aparece da próprio gesto de abertura (entre).

No terceiro momento deste trabalho o conceito mapear é central, associando-o por um lado à empiricidade da investigação. Por outro, o mapeamento que sugerimos é também a prova teórica e metodológica da nossa tese: a tentativa de abertura de um espaço (poético) entre os domínios da arte e da ciência, que argumenta uma não-coincidência. A empiricidade deste trabalho será intencionalmente provocadora, surgindo através do mapeamento de artefactos artísticos e científicos que colidem neste espaço. Uma proposta que estabelecerá correlações entre os objectos de estudos que constituem o espólio próprio da investigação. Neste momento do trabalho será pertinente fazer uma recolha de outros mapeamentos que impulsionam esta prática. A autonomia metodológica das partes constituintes desta investigação é intencional, pois acreditamos que no conjunto final estas entram em ressonância. O índice será o *display*.

Fantasmagorias: A Imagem em Movimento no Campo das Artes Plásticas

Maria Mire

mariamire@sapo.pt

Doutoramento em Arte e Design – FBAUP

Orientador: Miguel Leal

Co-orientador: Paulo Viveiros

A imagem em movimento é potenciada pela multiplicidade de objectos e de formas que habitam os espaços da arte contemporânea e que sugerem distanciar-se estrategicamente das tipologias de recepção organizadas pelos dispositivos usuais de projecção, emissão ou comunicação da imagem. Esse desvio possibilita e intensifica diferentes regimes de acesso à experiência visual, assaz díspares da nossa convivência diária com a imagem e do modo com esta participa na vida quotidiana. Mapear as especificidades da imagem em movimento no campo das artes plásticas é depararmo-nos com a sedimentação de uma gramática experimentada e formalizada pelas próprias práticas artísticas contemporâneas, em que as falhas e disfunções, contribuem para o enquadramento de uma experiência que pretende operar os seus próprios códigos. Em que o desconforto, o lento fluxo temporal, a mobilidade induzida, a descontextualização, a desmultiplicação da atenção, promovem uma divergência reveladora da exigência perceptiva agenciada em cada proposta artística.

Desse modo, a disparidade das propostas artísticas contemporâneas tornará manifesto que não poderemos estancar uma reflexão em torno da imagem em movimento, a partir de uma análise simplesmente veiculada ao campo da experiência codificada da recepção da imagem cinematográfica. Na medida em que este oferece, por si, um extenso e profícuo território de análise e de clara contaminação, mas não esgota todas as discussões que emergem da inserção este medium no território das artes plásticas.

Fazer emergir o conceito de fantasmagoria permitirá desencadear uma reflexão crítica em torno das práticas artísticas contemporâneas, estabelecendo novas

filiações que alargam o domínio da discussão da imagem em movimento no território das artes plásticas. Até por, na sua aceção comum, a fantasmagoria ser considerada a arte de fazer aparecer figuras luminosas em locais obscurecidos, o que por si só é já esclarecedor da elasticidade do conceito e da sua permeabilidade à hibridez das imagens iluminadas que povoam os espaços expositivos.

Coisas Não Chamadas Desenhos Mas... Explorando Intersecções entre Processos Fotográficos e Actos de Desenho

Sandra Costa Brás

sandracostabras@gmail.com

Doutoramento em Arte e Design – FBAUP

Orientador: Paulo Luís Almeida

A partir da noção de hiperdesenho, proposta por Phil Swadon e Russell Marshall, esta apresentação, enquadrada numa investigação de doutoramento, pretende explorar os dispositivos fotográficos como práticas do desenho, pensando a câmara como uma extensão do corpo e objecto atuante, parte integrante de um processo simultaneamente performativo e gráfico.

O artigo analisa e enquadra teoricamente o projecto “Da Quietude à Inconsistência”. Neste projeto, em que a câmara é usada como um instrumento de representação da consciência interna que o artista tem da acção, no momento em que a realiza, exploram-se as relações triangulares entre ação do corpo, câmara fotográfica e contexto utilizando como base para os movimentos do corpo a trilogia das ações primárias componentes, segundo a proposta de Anthony Howell, da arte da performance. A partir da discussão de alguns casos de estudo (autores como Margaret Iversen, Richard Shusterman e Laura Marks e artistas como Vitto Acconci, Daido Moriyama e Alexey Titarenko) argumenta-se que o processo fotográfico, na medida em que reside no gesto que envolve o acto de representação e a situação representada, é uma forma de grafia e um processo tanto performativo como somático.

O entendimento da fotografia como uma prática incorporada, corpórea, em que a câmara substitui o lápis e regista a movimentação interna do próprio artista, situa a imagem fotográfica num tipo específico de quadro somático. A câmara tornou-se mais um instrumento ativado pela mão, como o lápis, amplia os

poderes do corpo, funcionando como uma espécie de membro artificial. Nesta concepção performativa do ato fotográfico, em que as manifestações do contexto e das circunstâncias do corpo enquanto fotografa manifestam-se nas marcas das imagens, estas tornam-se sintomas do gesto, do movimento e da passagem do tempo.

Experimentum Memoria

Cláudia Lopes

Bolseira da FCT

oferece@hotmail.com

Doutoramento em Arte e Design – FBAUP

Orientador: Fernando José Pereira

Aquilo que nos faz acreditar num futuro será uma possível certeza de pertencermos a um determinado tempo e lugar histórico, geográfico, social, político e emocional. Contudo, numa era em que o futuro está sempre a acontecer, numa modernidade líquida como nos aponta Bauman, essa não possibilidade de realização do presente, juntamente com uma crescente amnésia em relação ao passado, traz-nos a evidente ruptura com a ideia de uma Memória, de um tempo em devir que se realiza em cada um dos indivíduos.

Neste projecto transdisciplinar, convocam-se e interligam-se contributos de diferentes áreas (Arte, Filosofia, Literatura, Política e também Física e Biologia) na produção de um ponto de vista sobre a construção/representação da memória, alicerçado na problematização da ideia de Tempo, Experiência e Linguagem, no sentido de apresentar a Memória como a possibilidade da narração de um Acontecimento. Essa narração acontece por meio de “Desconstruir” conceitos como os de Arquivo, Documento e Testemunho, tendo como hipótese que a construção da memória é uma ficção sobre a acção.

Interessa, particularmente, aquilo que nos leva do acontecido (o evento marcado de forma cronológica no tempo) ao acontecimento (a possibilidade do infinito que se realiza quando esse acontecido, por força da potência de ser, é reescrito vezes e vezes sem conta em acontecimento).

Narrar o acontecimento é fazer conciliar memória, experiência, tempo e linguagem num só território e lugar. É da natureza do acontecimento ser tempo mas é simultaneamente um lugar, um objecto e uma palavra; opera por meio de símbolos. Esse processo de em acontecer o acontecimento é a memória a construir-se.

Agamben fala-nos de um *experimentum linguae*, “uma experiência que se sustém somente na linguagem, em que aquilo de que se têm experiência é a própria língua”. Este conceito serve de referência para a estruturação desta investigação que seria vista como um *experimentum memoria*, em que aquilo de que se têm experiência é a própria memória. A memória constrói-se de si própria e a relação do indivíduo com as coisas é igualmente da ordem dessa experiência: entendimento, conhecimento, sonho e sensação substanciam-se na possibilidade de reorganização dos eventos (acontecidos) em memória. Neste sentido, não mais o Tempo seria a linha que se desenrola entre a vida e a morte. Ser-nos-ia possível deslocalizar cada acontecido do seu tempo-lugar definido, e por meio do acontecimento poderia ser evocado vezes e vezes sem conta até ao infinito. Essa construção é o que de mais significativo antevejo para uma definição de Memória.

Ficções do Lugar-imagem na Arte Contemporânea: Uma Geografia Desfocada

Fabiana Feronha Wielewicki

Bolsista da FCT

fabianaw@gmail.com

Doutoramento em Arte e Design - FBAUP

Orientador: Paulo Bernardino Bastos

A Investigação constitui-se de análise teórica articulada à prática artística experimental e desenvolve-se principalmente no território da fotografia. O corpo de trabalhos práticos propõe a construção de lugares ficcionais por meio da linguagem fotográfica, recorrendo também ao suporte vídeo e a construção de narrativas inventadas.

O estudo visa problematizar o cruzamento das noções de lugar e imagem no âmbito das práticas artísticas contemporâneas valendo-se de uma componente ficcional. No processo de investigação, observou-se a necessidade de criar uma plataforma conceitual capaz de articular as questões geradas entre lugar e imagem, abarcando as tensões e potências contidas nessa relação. Nesta perspectiva, desenvolve-se o lugar-imagem, uma ferramenta conceitual gerada a partir do processo reflexivo de elaboração do trabalho prático e da análise das referências artísticas e teóricas que compõem o estudo. Procura-se demonstrar sua aplicabilidade, fundamentando de forma reflexiva esse processo, recorrendo ao instrumental crítico de análise da visualidade contemporânea e confrontando-o com a produção artística atual.

A vertente prática da investigação vale-se da ficção como estratégia de abordagem para extrair outras camadas de percepção da realidade de um determinado conjunto de locais em Portugal. Observou-se neste conjunto a presença de um coeficiente ficcional — compreendido como qualidades específicas do local que sugerem a instauração de contextos ficcionais — a ser trabalhado no âmbito da imagem.

Em termos gerais, a investigação está voltada para produções artísticas que se propõem a “desfocar” as imagens da geografia, inscrevendo desta forma os lugares concretos do mundo no plano da imagem e aproximando-os do território da ficção.

Como Seria Se o Curso da História dos Media Digitais Fosse Mais Centrado nos Dedos e Menos nos Números?

Sandra Coelho

Bolseira da FCT

sandra.coelho@fe.up.pt

Programa Doutoral em Media Digitais – FEUP, FBAUP, UT Austin

Orientador: Miguel Velhote Correia, FEUP

Do Latim ‘digitus’ que significa dedo, o termo era usado na Roma Antiga para medições de comprimento cuja unidade era a largura de um dedo. ‘Digit’ significa simultaneamente dedo e número. Digitalmente, pelo uso dos dedos.

Digital do Latim ‘digitalis’, significa informação representada por valores discretos (dígitos). A comunicação digital usa combinações de pulsos distintos (sinais elétricos) para transmitir dados (zeros e uns). Os media digitais são por convenção um sistema de transmissão de informação através de um sistema binário de zeros e uns, por oposição aos circuitos contínuos ou analógicos. Nesta evolução, a característica humana foi relegada e o tato desconsiderado na maioria dos meios tecnológicos. O sentido do tato tem sido irrelevado em ambas das seguintes situações:

– Atualmente, quando nos referimos aos media digitais é comum identificar o termo digital com a discretização numérica de zeros e uns em que se baseiam os sistemas de dados tecnológicos.

– Os media digitais têm revelado a hegemonia do audiovisual, quando para se ser realmente um media interativo implica uma interação somática e envolver o sentido do tato. No entanto, o sentido do tato tem sido menos relevante do que os sentidos da visão e da audição.

Gradualmente, os meios tecnológicos serão apelidados de hápticos, mas a maioria das pessoas dificilmente associa o háptico ao tato, ou ignora o seu significado. Na minha investigação, onde exploro o háptico através da arte mediado por tecnologias emergentes, questiono a qualidade das experiências

hápticas permitidas pelos dispositivos tecnológicos atualmente disponíveis. O háptico é muito mais do que um ecrã de toque, ou um motor que vibra por baixo do ecrã.

O projeto de investigação consiste num conjunto de experiências hápticas que oferecem materiais, texturas, volumes e respostas táteis a um público geral, e que têm o intuito de informar e expandir o conhecimento normalmente restrito que se tem sobre o háptico.

O projeto integra um conjunto de trabalhos que servem para ser tocados ou para nos sentirmos tocados por eles. Estes trabalhos são de natureza diversa e consistem num livro em papel, quatro superfícies volumétricas têxteis, uma superfície com resposta háptica, e duas projeções de vídeo.

Desenvolvi um questionário com o intuito de verificar e analisar a experiência dos utilizadores de interfaces hápticas, e está acessível em <http://bit.ly/12usTnu>

Práticas Participativas: Inteligibilidade, Limites e Possibilidades na Criação Artística Contemporânea

Samuel Silva

samuel.jm.silva@gmail.com

Doutoramento em Arte e Design – FBAUP

Orientador: João Sousa Cardoso

Esta investigação em criação artística no âmbito das Artes Plásticas pretende determinar a inteligibilidade, limites e possibilidades do envolvimento do público/espectador no processo de concepção artística.

Serão exploradas as múltiplas dimensões da participação do espectador no processo de criação, assim como desenvolvidos projectos com enquadramentos sócio-culturais distintos e diferentes amplitudes temporais.

As questões levantadas pela prática artística pessoal convocarão de forma permanente e dinâmica a análise crítica de autores e pensadores contemporâneos desde as ciências sociais (sociologia, história, antropologia, psicologia) às artes visuais, da performance ao cinema que possam estabelecer tangentes, paralelismos e oposições às problemáticas científicas em análise com vista a informar e solidificar a prática de atelier.

A investigação será desenvolvida num processo que se pretende orgânico entre criação artística e reflexão teórica produzirá um corpo de obra que será apresentado no final da investigação, juntamente com documentação e uma parte escrita estruturada que sistematizará a investigação e proporcionará um enquadramento da obra e dos seus temas científicos principais.

Fronteiras – Poéticas Visuais Sobre Espaços Limites

Ronaldo Macedo Brandão

Bolseiro da Capes – Proc nº 0400122

ronaldomacedobr@gmail.com

Doutoramento em Arte e Design – FBAUP

Orientador: Miguel Leal

Apesar de vivermos em um mundo globalizado e cada vez mais interconectado, segundo Zygmund Bauman [1], continuamos a criar fronteiras. Em muitos casos, busca-se algo que seja diferente entre determinadas comunidades para legitimar a divisão entre dois lados. Para este autor, na sociedade atual as fronteiras transformaram-se em um elemento de obsessão.

Fronteiras – poéticas visuais sobre espaços limites investiga o tema fronteira — linha imaginária ou real que separa espaços e/ou pessoas. Fronteiras pretende abordar as linhas demarcatórias que delimitam territórios, sejam entre estados nacionais e as existentes nos espaços urbanos, em especial, entre sítios públicos e o privados. Dessa maneira, este trabalho propõe refletir e criar poéticas visuais sobre as fronteiras envolvendo aspectos culturais, políticos e sociais. Parte da investigação busca mapear a produção contemporânea que aborda esta temática. Obras de artistas como Úrsula Biemann, Krzysztof Wodiczko, Santiago Sierra, Alex Villar, Christian Philipp Müller, Hans Haacke, Lothar Baumgarten, entre outros, compõem elementos de discussão. O conceito site-specific e outros derivados deste serão investigados. Em especial, na abordagem das questões apresentadas entre as diferentes fronteiras e suas representações no campo das artes visuais, ou seja, a relação entre site e o no-site, termos estabelecidos por Robert Smithson.

No processo de investigação tenho realizado viagens para diferentes áreas de fronteiras entre países. Elas permitem a observação direta e o desenvolvimento

de registos visuais, e a realização de algumas ações performativas. Este material comporá uma parte do material visual dos trabalhos artísticos que apresentarei no final do doutoramento.

1. Bauman, Zigmund. "Multiples cultural, una sola humanidad". Katz Editores: Buenos Aires, 2008, pp.14-36.

A Cor e o Processo Criativo nas Práticas Contemporâneas: Interligação e Contaminação das Linguagens Pictórica e Arquitectónica Através das Relações Cromáticas

Ana Pais Oliveira

Bolseira da FCT

anapaisoliveira.pt@gmail.com

Doutoramento em Arte e Design – FBAUP

Orientador: António Quadros Ferreira

A investigação centra-se na prática artística e pretende estudar o uso privilegiado da cor como base no processo criativo da pintura contemporânea, analisando especificamente a sua influência, significado e impacto nos processos que, através das relações cromáticas, conectam e interligam as linguagens pictórica e arquitectónica, nomeadamente no campo da pintura expandida. Este estudo é consequência das preocupações essenciais do trabalho de pintura desenvolvido pela autora, onde a cor é um elemento fundamental de composição, determinante no processo criativo e capaz de transformar significativamente o espaço e o modo como o percebemos, recebemos e experimentamos. Ao longo de um processo de experimentação do potencial transformador da cor ao nível da percepção espacial, a apropriação da linguagem arquitectónica para o espaço pictórico originou um pensamento sobre a cor enquanto mediadora dessa relação intertextual entre pintura e arquitetura. Inevitavelmente surgiu a necessidade de uma exploração tridimensional do campo pictórico, de distender a pintura para o espaço real, o que origina novas preocupações com a relação entre a cor e o espaço e entre o espectador e a obra, uma relação que pode ser mais física e interativa.

Pretende-se, assim, através da prática artística, explorar distintas possibilidades de comunicação entre as linguagens pictórica e arquitectónica, bem como analisar casos de artistas que, atualmente, operam estes conceitos e processos.

O discurso sobre a cor é comumente fragmentário, divergente e inconclusivo, facto transversal a distintas áreas do conhecimento. Fundamentalmente quando é construído no âmbito das artes visuais, o tema da cor é abordado e pensado no ato de fazer coisas e através da prática, o que vai ao encontro da ideia de que, em investigações em arte, os conceitos de investigação e criação tendem a fundir-se e contaminar-se.

É objetivo fundamental a elaboração de um projeto expositivo final que reúna os objetos que melhor representem as especificidades e resultados da investigação.

Som, Espaço e Identidade

Filipe Lopes

Bolseiro da FCT

random@filipelopes.net

Programa Doutoral em Media Digitais – FEUP, UT Austin

Orientador: Carlos Guedes

Co-Orientador: Bruce Pennycook

A minha pesquisa incide na exploração do espaço através da utilização do som, com o objetivo explorar simbioses entre ambos. Enfatizando o uso do som e do espaço enquanto ferramenta formal para a composição musical, esta investigação assenta na criação de trabalhos mediados por computador, embora não exclusivamente, num contexto interativo enraizado na ideia de identidade. Alguns dos enfoques incluem experiências sonoras voltadas para 1) a exploração do som e da identidade do espaço, 2) uma contínua ilustração sonora do espaço, 3) enfatizar as interações/interferências entre ambos.

A ideia de “fusão” entre espaço e som pode começar enquanto sentimento de um todo e/ou o processo de tornarem-se cada vez mais entrelaçados. Uma boa analogia pode ser a de o som agir como uma espécie de iluminação, da mesma forma que quando se acende uma luz numa sala escura, a mesma ilumina e revela o espaço.

Sendo a área de som e espaço muito abrangente decidi dividir o meu trabalho de investigação em três partes complementares: 1) A história da influência do espaço na composição 2) A audição/escuta 3) Espaço e composição sonora — metodologias para a exploração sonora e expressiva do espaço.

Suportado pelo conceito de identidade, esta apresentação incide na audição, exibindo conclusões preliminares sobre o reconhecimento de som(s), a formação de identidades sonoras e a sua relação com o espaço. Vou-me concentrar na probabilidade de ocorrência de sons dentro do ciclo dia e noite, enquanto recurso sonoro composicional. A capacidade de perceber melhor como indivíduos

formam uma identidade sonora, em conjunto com a sua relação com o espaço, vai-me ajudar a criar experiências imersivas, onde som e espaço interagem profundamente.

Proponho a ideia de que a identidade do par som/espaço, é formada ouvindo-se os mesmos sons ciclicamente, num fluxo de som contínuo, que são experienciadas e moduladas no espaço. O facto de se ouvir sons semelhantes, no mesmo espaço, dia após dia, enfatiza a sua identidade ao mesmo tempo que nos leva a reconhecê-los como sendo parte desse espaço. Além disso, assiste-se ao facto de que alguns sons aparecem com maior probabilidade. Este comportamento assemelha-se a um processo estocástico, onde os eventos sonoros têm uma probabilidade de ocorrer e por isso mesmo, não são determinísticos. Se concordamos com a existência de ciclos sonoros e “catálogos” de sons que têm maior probabilidade de ocorrer em determinados espaços, podemos então falar de uma identidade sonora/espaço.

Relevante para minha pesquisa, tanto para o trabalho prático como teoricamente, incluem-se os trabalhos de Murray Schafer, Barry Truax, Atgoyard, Brandon Labelle, Denis Smalley e especialmente Barry Blesser e Linda-Ruth Salter.

Resumidamente, o objetivo da minha investigação consiste na elaboração de metodologias empíricas que realcem "a expressividade sonora" num espaço e a forma como pode ser usada na composição musical, respondendo à questão: Pode um espaço ser um elemento formal na composição musical?

Reencontros na Rua

Ana Sofia Dias

anasofiadias.mdi@gmail.com

Mestrado em Design da Imagem – FBAUP

Orientador: Adriano Rangel

O meu trabalho pretende fazer jus às memórias da minha rua (rua Clotilde Ferreira da Cruz, também conhecida por rua do Sol, na Maia), através da documentação fotográfica e a videográfica, articulando sempre que possível a fotografia vernacular.

Pretendo entrevistar os residentes e averiguar qual o impacto da “rua” nas suas vidas: que histórias, memórias e que lembranças guardam dos seus vizinhos e em que medida sentem que a sua identidade pessoal pode ou não ter sido valorizada/ enriquecida devido à sua pertença ao contexto acima citado.

Pretende-se identificar e perceber as relações pessoais através do testemunho presencial e da criação de material visual comum.

Este será o processo de um projeto que se deseja que vá para além da autorrealização de um desejo pessoal de valorização das raízes: do crescimento e da minha formação enquanto pessoa e enquanto moradora desde sempre deste microcosmos.

Pretende-se com este trabalho a reunião de um reportório fotográfico do domínio dos residentes: imagens que constam nos seus álbuns de família e que têm como pano de fundo a rua ou então são partilhadas com outros dos seus moradores. Resgatar esses momentos e relatar as histórias que os sustentam é um dos objetivos propostos no desenvolvimento deste trabalho.

Por último, no desejo de não criar um projeto fechado em si mesmo e nas suas gentes, é pretendido criar um documentário que reúna o material recolhido na tentativa de partilhar estas memórias com um maior número de pessoas, potenciando o testemunho, a valorização das raízes e da identidade pessoal face à pertença a uma identidade coletiva.

NAi Núcleo de Arte e Intermedia

i2ADS Instituto de Investigação em
Arte, Design e Sociedade

<http://www.i2ads.org/nai>



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA